

## **Vozes Quebradas: A poética de vidas marginalizadas na obra de Eliane Brum<sup>1</sup>**

Sabrina de RAMOS<sup>2</sup>

Paulo Roberto Ferreira de CAMARGO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

### **RESUMO**

A vulnerabilidade social é reflexo de desigualdades sociais e culmina em processos de exclusão e invisibilização de identidades. Logo, o trabalho busca apresentar de que forma as reportagens de Eliane Brum discutem vulnerabilidade social e tem como objetivo descobrir como pessoas em situação de vulnerabilidade são retratadas na coluna A vida que ninguém vê. O trabalho foi realizado por análise de conteúdo, e teve como base os estudos de Vilas-Boas (2003), Pena (2006), Hall (2011, 2016), entre outros. Entre os resultados, o jornalismo literário praticado pela repórter ressignifica a vulnerabilidade a um sentido de cidadania, e potencializa a humanização no jornalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vulnerabilidade; Humanização; Marginalidade; Eliane Brum.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem por interesse discutir o tema da vulnerabilidade social e compreender a existência de pessoas nessa situação em toda sua complexidade humana. De modo geral, vulnerabilidade é a condição de suscetibilidade a riscos sociais. No Brasil, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) define vulnerabilidade social à condição de déficits de infraestrutura urbana, capital humano, renda e trabalho.

Logo, pessoas em situação vulnerável estão sujeitas a um processo de exclusão social e apagamento de suas identidades enquanto cidadãos. Marcados por estigmas sociais, há pouco enfrentamento destas concepções pela mídia, salvo algumas exceções, como é o caso da jornalista Eliane Brum.

O trabalho de Brum é focado em personagens marginalizados e acontecimentos que ocorrem nas marginais da vida cotidiana, coisas banais e irrelevantes, o que ela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT/IJ 1 – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Recém-graduada do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: [ramossabrina95@gmail.com](mailto:ramossabrina95@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUCPR, email: [prfcamargo27@gmail.com](mailto:prfcamargo27@gmail.com).

chama de “desacontecimentos”. A repórter concentra seus trabalhos em histórias que versam sobre a complexidade da vida, tendo como um dos personagens pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Assim sendo, este trabalho pretende examinar de que forma a coluna da repórter Eliane Brum, *A vida que ninguém vê*, publicada no jornal Zero Hora entre os anos de 1998 e 1999 discute vulnerabilidade social.

O estudo tem como objetivo descobrir como pessoas em situação vulnerável são retratadas nesses textos, compiladas posteriormente no livro, *A vida que ninguém vê* (2006), por meio de estratégias do jornalismo literário.

Fundamentada nos estudos culturais de Hall (2011, 2016) e Janczura (2012), uma parcela da pesquisa se dedica aos conceitos de linguagem, representação, identidade, vulnerabilidade social e marginalização. A outra parte se debruça aos estudos da comunicação para examinar os conceitos de jornalismo literário, na perspectiva de Pena (2006) e Wolf (2005); perfis, de acordo com Vilas-Boas (2003); e jornalismo humanizado, por Medina (2008) e Ijuim (2012, 2017).

## **ESTUDOS CULTURAIS**

A representação social é uma “imagem” construída que expressa um contorno sobre algo. É por meio deste fragmento que a comunicação social acontece e as pessoas assimilam os significados das coisas. Assim sendo, o jornalismo, é capaz de estabelecer valores sobre as coisas, pessoas e acontecimentos, e/ou ressignificar conceitos firmados.

De acordo com Hall (2016), uma das formas de representação e produção de significados é a estereotipagem. Por sua vez, reduzem ocorrências ou conjuntos sociais a alguns atributos específicos, e instaura um mecanismo de divisão responsável por separar o que é “normal e aceitável” na sociedade e o que não é, desta forma, submete os grupos tipificados como divergentes e subversivos a uma dinâmica de marginalização e deslocamento da condição de cidadania. Mas também é possível ressignificar alguns sentidos por meio da “transcodificação”.

Com relação ao conceito de identidade cultural proposto por Hall (2016), a representação social impacta diretamente nesse reconhecimento. A identidade é um mecanismo de identificação entre os grupos sociais e pertencimento na sociedade, e também é fragmentada. Segundo Hall (2016), não há apenas uma única face, são

múltiplas facetas que compõem essa projeção, como o próprio caso da identidade vulnerável e marginal, ela contempla questões econômicas, gênero, raça, idade, etc.

## **ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO**

Sobre o conceito de humanização, Medina (2008) a define como um “processo de seleção [...] com o objetivo de pôr em destaque a vivência humana comum e geral”. (MEDINA, 2008, p.128). É a intenção de compreender genuinamente as pessoas e fomentar a sua emancipação social. No jornalismo, a humanização está bastante presente no jornalismo literário, não apenas nisso, como também nos textos de perfis.

O jornalismo literário é um estilo narrativo preocupado com o lado estético do texto e da experiência. Os textos do gênero unem formas e ferramentas do campo da literatura: como as descrições de cenas, ambientes e movimentações, e reproduções completas de diálogos e interações (Wolfe, 2005); recriações físicas, comportamentais e psicológicas; rompimento com as amarras do lide, amplas contextualizações, perenidade, fuga dos “definidores primários” — isto é, fontes oficiais e especializadas — e busca pelas fontes “comuns” (Pena, 2006), entre outros.

O perfil, por sua vez, de acordo com Vilas-Boas (2003) é um formato de texto autoral de curta extensão, que representa um instante específico do acontecimento e da história de vida de uma pessoa real. O texto revela uma trajetória sintética por meio da manifestação de passado e presente e emprega técnicas do jornalismo literário. Além disso, o perfil também possui a habilidade de aproximar a personagem e o leitor, provocar reflexões e gerar empatias.

## **METODOLOGIA**

O objeto de estudo contém 23 reportagens, mas foi analisada uma amostra de cinco textos. Levando em conta o debate sobre a fragmentação da identidade vulnerável e, pelos textos serem perfis, a escolha da amostra teve como critério a pluralidade de vozes e faces da marginalidade. Ou seja, a diversidade, seja ela de corpos, gênero, raça, classe e/ou faixa etária. Assim, os textos escolhidos foram: Enterro de pobre; O encantador de cavalos; Eva contra as almas deformadas; O exílio; e Sinal fechado para Camila.

Com base no modelo de análise qualitativa proposto por Bardin (2011), a pesquisa busca sincronizar os conceitos dos estudos culturais e de comunicação para a averiguação do objeto, visto que “permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis” (BARDIN, 2011, p.145). Desta forma as categorias as categorias de análise estabelecidas são:

- 1) Desacontecimento e vulnerabilidade;
- 2) Construção de sentido e abordagem;
- 3) Personagens e identidade;
- 4) Representação da marginalidade e humanização;
- 5) Detalhamento imersivo.

## RESULTADOS

Sobre a categoria “Desacontecimento e vulnerabilidade”, Brum denúncia vulnerabilidades de acordo com o IPEA, como pobreza, saúde pública, falta de assistencialismo e acessibilidade, e com Janczura (2012), como de raça, gênero, pessoas com deficiência, pessoas idosas, crianças em situação de rua e exploração infantil.

Na segunda categoria, “Construção de sentido e abordagem”, Brum reconhece novas formas de assimilar a vulnerabilidade e a marginalidade. Por meio de uma abordagem receptiva e de pessoalidade, como proposta por Pena (2006), a repórter não se isenta dos relatos e afirma a vulnerabilidade com sentidos de cidadania e assim ressignifica símbolos ao invés de apenas reforçar estereótipos, como estabelece Santaella (2017).

De acordo com a categoria “Personagens e identidade”, os textos revelam perfis tridimensionais, que marcam as características físicas, sentimentais, sociais e psicológicas das personagens. Os traços singulares que compõem cada um, prescrevem modos distintos de identificação e, considerando a definição de Hall (2011) sobre as identidades culturais serem fragmentadas, assim a repórter ratifica novas identidades para a marginalidade e a vulnerabilidade.

A quarta categoria, “Representação da marginalidade e humanização”, revelou que a linguagem e estilo do discurso de Brum, estruturados por meio do jornalismo literário, proposto por Pena (2006) e Wolfe (2005), oferecem um jornalismo humanizado. Entre as estratégias utilizadas pela repórter, há descrição de sentimentos e

cenar, por meio de adjetivações, figuras de linguagem e fluxos de consciência que transmitem a sensação de estar presente nas histórias e de conhecer as personagens pessoalmente.

Sobre a última categoria “Detalhamento imersivo”, as informações são amplamente contextualizadas, com interpretação e explicação dos dados. É possível notar que, por trás dos textos, há um denso trabalho de investigação, e que transparece pela reflexão sobre os desdobramentos e reverberações políticas e sociais dos fatos.

## CONCLUSÃO

Os textos de Eliane Brum, analisados neste trabalho, revelam desigualdades sociais e processos de exclusão por meio da representação humanizada de pessoas em distintos espectros da vulnerabilidade social, por meio de histórias e acontecimentos que sensibilizam, sem romantizar ou relativizar as condições das personagens.

Por meio da aplicação do jornalismo literário, é possível construir e publicar histórias mais democráticas e com mais empatia. Assim, pessoas em situação de vulnerabilidade social podem ser retratadas como sujeitos dotados de direitos e subjetividades. São personagens plurais em distintos contextos, o que, por sua vez, demonstra a diversidade da marginalidade. A repórter rompe com estereótipos da “carência”, “vítimas” e de meros “coitados”, e as revelam como agentes sociais capazes de operar sobre o mundo.

Desta forma, a repórter constrói representações que desencadeiam novos fragmentos de valorização da identidade das pessoas em situação de vulnerabilidade. Elas são reconhecidas em virtude de identificações por razões afetivas, de expressão, ingenuidade, coletividade e emancipação, e não apenas pela identidade proposta pela exclusão.

O trabalho de Brum também apresenta traços do jornalismo interpretativo, por meio do detalhamento imersivo. A repórter realiza um exercício de ampla investigação, e assim desenvolve narrativas com profundidade de informação.

Ijuim (2012) argumenta que o jornalismo humanizado considera o ser humano como “ponto de partida e de chegada”, e é o que se manifesta nos trabalhos de Brum. Assim, as representações da marginalidade e da vulnerabilidade elaboradas pela repórter nos textos, incorporam o conceito da humanização. Ela sintetiza humanidade nos

trabalhos ao destacar o estado de direitos das pessoas. E por meio dessa iniciativa, a repórter ressignifica a vulnerabilidade social e a marginalidade a um sentido de cidadania, e potencializa a humanização no jornalismo.

Ou seja, é possível realizar um jornalismo que reconheça as distintas formas de identificação da marginalidade, além de estimular a compreensão da natureza das pessoas em situação de vulnerabilidade como pessoas emancipadas culturalmente.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições, v. 70, p. 276, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Livraria Sulina Editora, 1976.

BRUM, Eliane. **A menina quebrada: e outras colunas de Eliane Brum**. Arquipélago Editorial Ltda, 2013

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Arquipélago Editorial Ltda, 2006.

BRUM, Eliane. Enterro de pobre. **Zero Hora**, Rio Grande do Sul, 26 jun. 1999. A vida que ninguém vê.

BRUM, Eliane. Escuta sensível. **Encontros da Revista E/Sesc**, São Paulo. 30 maio. 2017a. Disponível em: < <http://elianebrum.com/programas-e-resenhas/escuta-sensivel/> >. Acesso em: 20 abr. 2022.

BRUM, Eliane. Eva contra as almas deformadas. **Zero Hora**, Rio Grande do Sul, 14 ago. 1999. A vida que ninguém vê.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras**. Arquipélago Editorial Ltda, 2017b.

BRUM, Eliane. O encantador de cavalos. **Zero Hora**, Rio Grande do Sul, 27 mar. 1999. A vida que ninguém vê.

BRUM, Eliane. O exílio. **Zero Hora**, Rio Grande do Sul, 25 set. 1999. A vida que ninguém vê.



BRUM, Eliane. **O olho da rua:** uma repórter em busca da literatura da vida real. Arquipelago Editorial Ltda, 2017c.

BRUM, Eliane. Sinal fechado para Camila. **Zero Hora**, Rio Grande do Sul, 23 jan. 1999. A vida que ninguém vê.

CANÇADO, Taynara; DE SOUZA, Rayssa; DA SILVA CARDOSO, Cauan. Trabalhando o conceito de Vulnerabilidade Social. XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. São Pedro/SP. 2014. Disponível em: <[http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho\\_completo/TC-10-45-499-410.pdf](http://www.abep.org.br/~abeporgb/abep.info/files/trabalhos/trabalho_completo/TC-10-45-499-410.pdf)>. Acesso em: 3 jun. 2022.

COSTA, Marco Aurélio et al. Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros. Brasília, DF: IPEA., 2015.

DE MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Vozes, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, p. 8, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IJUIM, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista comunicação midiática**, v. 7, n. 2, p. 117-137, 2012.

IJUIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, v. 31, n. 78, p. 235-243, 2017.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social?. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301-308, 2012.

KOWARICK, L. Viver em risco: sobre a vulnerabilidade do Brasil urbano. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.63, 2002 pp. 9-30.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. 2008.

MENDES, José Manuel; TAVARES, Alexandre Oliveira. Risco, vulnerabilidade social e cidadania. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 93, p. 05-08, 2011.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. Editora Contexto, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2017.

VILAS-BOAS, V. Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. 3. ed. São Paulo: Editora: Summus, 1996.

VILAS-BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. Summus, 2003.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.